
RACISMO NA INFÂNCIA: IMPACTOS PSICOLÓGICOS

Nathaly Cristina Fernandes* (FAFIJAN- Faculdade de Jandaia do Sul, São Pedro do Ivaí-PR, Brasil).

contato: nathalycrfernandes@gmail.com

Palavras-chave: Criança negra. Impactos. Psicologia.

Introdução

Entende-se por racismo a discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras. Racismo esse que pode impactar a vida de uma pessoa que passa constantemente por situações de discriminação e/ou de preconceito. Uma simples palavra ou gesto pode gerar um sentimento de inferioridade, que leva a criança a desvalorizar e negar suas tradições, sua identidade e costumes. É importante discutir o impacto psicológico do racismo na infância, pois a partir dessa discussão é possível identificar como os efeitos psicológicos podem se apresentar no indivíduo e promover a discussão de questões relacionadas às maneiras de contribuir para uma infância sem racismo, do reconhecimento destes como fatores sociais determinantes das condições de desenvolvimento do indivíduo, especialmente de saúde mental, a fim de que a reflexão sobre esse problema social favoreça a superação do racismo.

Objetivos

Esse trabalho tem como objetivo geral promover a discussão e reflexão sobre o impacto psicológico do racismo na infância. E como objetivos específicos: Conscientizar a sociedade sobre as consequências do racismo na vida de um indivíduo; Destacar a literatura incipiente de projetos que tem como tese os impactos psicológicos na vida de crianças; Fomentar a discussão das questões relacionadas às maneiras de contribuir para uma infância sem racismo; Revelar dados importantes sobre a população infantil negra, por meio de percentuais, para uma melhor visualização da realidade social dessa população.

Método

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de caracterizar o problema do impacto psicológico do racismo na infância. Para o levantamento e coleta de material, foi

utilizada a base de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) selecionando-se artigos, monografias que versam sobre a temática elencada em língua portuguesa.

Resultados e discussão

Segundo Camargo, Alves e Quirino (2005) condição sub humana dos jovens e crianças negras no Brasil não é nenhum mistério, desde a colonização, negros, índios e outras minorias são tratados de maneira cruel e absurda. Tratados sempre de maneira brutal, usados como ferramentas, foram privados de seu direito a vida. Com a miscigenação desses indivíduos formou-se a população brasileira.

O passado nos mostra uma violência sem dimensões contra as crianças e adolescentes, principalmente negros. Hoje em dia o cenário não é muito diferente, apesar das leis os jovens ainda sofrem com um sistema social discriminatório, sendo assim as violências ainda continuam de diversas maneiras por todo país. Essas crianças e jovens muitas vezes são abandonados a própria sorte pelas ruas, espancados e assassinados em seus lares, ou em estabelecimentos onde são recolhidos como infratores. Estar ciente de como essas violências ainda se perpetuam pela sociedade, de como se manifestam, é essencial para a resolução desse problema. Um passado e um presente de tamanha violência contra nossos jovens e crianças não podem ser mantidas muito menos agravadas. Estudos mostram que os índices de crianças e jovens que tem uma morte violenta são muito altos:

Quando enfocamos a violência que atinge as crianças e os adolescentes na atualidade, identificamos que 90% do total de vítimas são afro descendentes (negros ou pardos). No período de 1998 a 2001 a principal causa de morte desta população, foram os homicídios, seguidos por outros acidentes e em terceiro lugar os acidentes de trânsito. No segmento de “outros acidentes” vamos encontrar diferenças significativas, segundo a faixa etária: de 10 a 14 anos encontramos como principal causa de mortalidade os acidentes fatais com arma de fogo. Sendo que na faixa etária de 15 a 18 anos há um acréscimo alarmante de mortes por esta causa, chegando a 400 %.

Estes índices refletem a precocidade com que as crianças e jovens negros são atingidos pelas mortes violentas. (CAMARGO; ALVES; QUIRINO, 2005).

Em casos de racismo infantil o papel do psicólogo de acordo com Fonseca (2015) pode ser no sentido do empoderamento identitário dessa criança, para o fortalecimento psicológico, a intervenção junto à família e escola é um caminho saudável para uma melhor qualidade de vida do indivíduo. A infância é fase decisiva para a formação intelectual, afetiva e social do ser humano, por esse motivo se faz tão importante um acompanhamento psicológico.

Decorrente do processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes propendem a introjetar a visão dominante de mundo branco, visto como superior. Consequentemente tendem a desvalorizar o mundo negro e/ou internalizar crenças e estereótipos negativos em relação ao negro. (FERREIRA, 2002, p. 75).

Os efeitos psicológicos que o racismo provoca, moldam a conduta e a maneira como esses indivíduos pensam, produzem e sentem. Em alguns casos de vítimas de racismo, autodestrói-se por não acreditar em si, com dificuldades de realizar determinadas atividades, tem falta de autoestima por ter internalizado o racismo ao longo da vida passando, pois muitas vezes o sujeito liga-se à ideologia da “brancura”, eliminando de seus pensamentos as características que fazem parte da sua identidade, podendo causar transtornos emocionais, de pensamento e de comportamento, por isso se faz tão importante a representatividade negra na mídia, pois contribui para o fortalecimento da identidade da criança negra.

O presente trabalho fez uma análise sucinta da música “Estereótipo” (2017) do álbum “Em construção” do cantor Michel Dias Costa mais conhecido por seu nome artístico Rashid, no meio do Rap nacional.

A música faz uma reflexão muito importante sobre rótulos, desigualdade, a operacionalização, a estrutura, e a sistemática do preconceito, principalmente contra jovens negros:

Querem mandar no que eu visto/ querem julgar quem eu sou / Querem anular o que eu conquisto e que eu fique só com o que sobrou/ Pode procurar nos registro, meu, o que fazem

com a nossa cor / E se você é mais um tipo eu, resista, onde quer que for / Porque/ Somos todos alvos, somos todos alvos aqui [...] Não existe igualdade pra quem tem que correr atrás de quase 400 anos de prejuízo/ “Cê” num sabe o que é isso, já antecipo/ E nem ser seguido na loja pelo segurança que é do seu bairro e acha que conhece seu tipo/ Se chama inversão de valores, ou show de horrores / Quando a definição de suspeito vem com uma tabela de cores/ Sua justiça morreu quando embrião, sua lei já falhou no protótipo/ E o azar é daquele que assim como eu se encaixa no estereótipo[...] (COSTA, 2017)

Na música o rapper fala sobre os 400 anos de sofrimento da população negra e sobre os dramas que os negros sofrem diariamente. “Somos todos alvos” é a frase de seu refrão, expressa como pessoas negras da periferia se sentem por causa da violência policial e do racismo institucionalizado, que é outro aspecto trazido em sua letra da música.

Imagina que “loko”, durante o café da manhã, quando ele vai ler o jornal/ E vê minha foto na capa e não é por óbito, nem motivo criminal/ Mais um igual tantos que já levou tantas porta na cara que perdeu a conta/ Minha vingança é estilo Carl Brashear, só “d'eu” tá aqui representa uma afronta/ Agora me conta, olha pro mundo de ponta a ponta e vê como é sujo/Quantas Cláudias se foram antes de ter a chance de ser Taís Araújo?/ Falemos de chances, pra você que esbraveja com raiva que é contra as cota/ Quantas vez “cê” já teve que provar que o que é seu, é seu, quase mostrar a nota?/ Quantas vez “cê” acordou pra tramar, passou 2 horas só no caminho/ E no vestibular disputou com quem acordou mais de 2 horas e foi pro cursinho?/ Fica “facinho” assim, e a mentalidade aí se define/ Quando gente igual eu só te serve se tiver fazendo gol pelo seu time/ Esse estereótipo é baseado em séculos de história controversa [...] (COSTA, 2017)

Essa parte da música inicia-se com a o cantor imaginando uma pessoa vendo uma foto dele no jornal, e se surpreendendo por não ser morte, ou motivo criminal, mostrando mais uma vez os estereótipos que se carrega quando se é negro.

Nesse trecho o cantor faz referências a figuras que ficaram marcadas na luta contra o racismo, tanto ícones como Carl Brashear que foi o primeiro mergulhador negro na marinha americana, como vítimas de opressão como Cláudia da Silva Ferreira e o dançarino Douglas, mortos em ações da PM.

A música fala também sobre cotas e sobre a realidade de conciliar trabalho com os estudos para competir no vestibular com uma pessoa que acorda tarde e vai para um cursinho, nesse trecho é possível ver os privilégios da população branca. A música é como um manifesto em forma de crítica social, onde é possível conscientizar as pessoas da naturalização do racismo quando fala que 'é uma inversão de valores quando a definição de suspeito vem com uma tabela de cores'.

Os efeitos psicológicos como consequências do racismo podem se apresentar de diversas formas como: Baixa autoestima; Autoimagem; Construção da identidade; Insegurança; Insatisfação; Ansiedade; Sentimento de inferioridade; Tentativa de anulação dos seus traços de pertencimento racial.

Segundo Camargo, Alves e Quirino (2005, p. 614) quando pesquisamos a população de instituições corretivas para menores infratores, ou mesmo instituições que albergam crianças abandonadas, quando analisamos os índices de mortalidade por homicídio, encontramos em sua grande maioria crianças e adolescentes negros em grandes proporções.

Em outro estudo sobre a mortalidade no Brasil, enfocando o grupo de causas externas, ou de mortes violentas encontramos uma taxa de 14,1% para o conjunto da população negra e branca, 11,4% para a população branca e 23,4% para a população negra (BARBOSA, 1998, p.91-8 *apud* CAMARGO, ALVES E QUIRINO, 2005, p. 613).

A diferença entre a mortalidade infantil entre as crianças negras e as brancas no Brasil tem aumentado muito a despeito de a mortalidade infantil no país vir caindo consideravelmente. Dados de Estela Maira afirmam: houve piora acentuada na taxa de mortalidade infantil de 1980 para 1991. Em 1980, para cada 1 000 nascidos vivos, morriam 76 brancos e 96 negros. Em 1991, para cada 1 000 nascidos vivos, morriam 43 brancos e 72 negros. A diferença aumentou, pois em

1980 as crianças negras apresentavam índice de mortalidade 21% maior do que o das brancas e, em 1991, esse índice aumentou para 40%. A taxa de mortalidade infantil das crianças afrodescendentes foi de 62,3 por 1 000 de acordo com a Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios de 1996. No caso das crianças brancas, essa taxa foi de 37,3 por 1 000. Nas taxas de mortalidade de crianças menores de 5 anos as diferenças são mais expressivas: 76,1 por 1 000 para afrodescendentes e 45,7 por 1 000 para as brancas. (OLIVEIRA, 2005)

De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1996, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE (2000) pesquisa com relação às desigualdades raciais na educação concluíram que: indivíduos negros têm menor número de anos de estudo do que indivíduos brancos. Na faixa etária entre 14 e 15 anos, o índice de pessoas negras não alfabetizadas é 12% maior do que o de pessoas brancas. Ainda segundo a pesquisa, cerca de 15% das crianças brancas entre 10 e 14 anos encontram-se no mercado de trabalho, contra 40,5% de crianças negras da mesma faixa etária.

É possível identificar também o papel da família na construção da identidade das crianças negras, principalmente no que condiz a formação de uma imagem positiva sobre si mesmo, sua raça e seu papel em na sociedade, Souza, Lopes e Santos (2007 p. 5) constataram que:

A auto-imagem da criança negra é construída nas interações que estabelece com os membros da família, com o grupo escolar, os vizinhos e outros grupos sociais. Essas interações são mediadas por padrões, por crença, práticas e normas de toda sociedade que determinará a forma como a criança elabora e organiza suas referências no mundo e isso, se repercutirá na formação de sua identidade. É nas interações que a criança internaliza os estereótipos negativos ligados ao negro, construídos no imaginário social, sendo disseminado pelos veículos de comunicações e reproduzidos pela escola. A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma imagem depreciativa de si, contribuindo para uma auto-exclusão e uma baixa auto-estima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com idéias que desvalorizam suas características étnicas.

Cavalleiro (1998 *apud* FERREIRA e CAMARGO, 2011 p. 378-379) realizou uma pesquisa onde encontrou aspectos prejudiciais para crianças negras que ocorriam no cotidiano

escolar. Pois no ambiente, não havia cartazes, fotos ou livros infantis que representassem crianças negras na sociedade brasileira. Segundo os mesmos autores:

Tais situações podem alimentar a ideia de uma suposta superioridade branca, o que contribui para o desejo, por parte das crianças negras, de pertencimento ao grupo branco, levando as a rejeitar suas características de matriz africana.

Outro aspecto observado foi que professores diferenciavam os alunos baseados nas características raciais e/ou cor da pele – aquela moreninha, a menina de cor. Além de comentários pejorativos, os professores não reconheciam a discriminação e muito menos os efeitos prejudiciais do racismo. A autora destacou, ainda, a existência de um tratamento diferenciado na expressão de afeto por parte das professoras. Na sua relação com alunos brancos, o contato físico era constante, através de beijos e abraços, enquanto na relação com alunos negros essa expressão afetiva era mais escassa, o que impunha às crianças negras enorme sofrimento por perceberem claramente que as crianças brancas eram mais aceitas e queridas. Para a autora, embora tais práticas não se iniciem na escola, contam com esse ambiente para alimentar a baixa autoestima das crianças negras. Tais situações podem ser vistas como mecanismos que difundem e perpetuam a discriminação e o preconceito racial na escola. (CAVALLEIRO, 1998 *apud* FERREIRA e CAMARGO, 2011 p. 378-379)

Podemos afirmar diante do que foi citado que as crianças e os adolescentes negros, continuam sendo as principais vítimas da violência social, o que torna uma questão com grande necessidade de ser enfrentada para que se avance no sentido da construção de uma sociedade mais igualitária e justa, vimos também que a escola é um ambiente importante de desenvolvimento e a constituição da auto-estima da criança. Souza, Lopes & Santos (2007 p. 5-6) com relação ao ambiente escolar com relação à formação da auto-estima e aceitação da criança negra apontam que:

A criança se constitui como sujeito pelo olhar do outro, é a qualidade desse olhar que contribui para o grau de sua auto-estima e auto-aceitação, trazendo conseqüências para a formação de sua identidade. Por isso, o professor não pode supervalorizar umas crianças em detrimento de outras, ele deve demonstrar carinho e atenção a todas. Diante desse quadro, podemos afirmar que é na infância que a criança em pleno processo de desenvolvimento

emocional, cognitivo e social começa a internalizar idéias discriminatórias sobre o negro. Desta forma, é relevante que as instituições de educação infantil estejam preparadas para acolher a diversidade étnica com um trabalho educativo pautado para a valorização dessa diversidade.

Camargo, Alves e Quirino (2005) apontam ainda, a importância de estudos que retratem e aprofundem as questões da violência contra a população negra devem ser efetivadas, pois somente assim daremos visibilidade a uma realidade injusta que tem permanecido quase que inalterada através dos séculos.

A falta de representação de crianças negras acarreta impactos significativos na vida das mesmas. É importante a representatividade e empoderamento desde a educação, livros infantis com personagens negros e com temática étnico-racial, bonecas negras no mercado, até figuras públicas negras na mídia no geral.

Partindo da premissa de que a publicidade é uma produção cultural a qual influencia a sociedade em diferentes graus, podemos afirmar que suas produções potencialmente refletem de algum modo nas atitudes e no comportamento das pessoas. Não está previsto em lei, nem mesmo regulamentado pelo código de ética (Conar), a obrigatoriedade de que a publicidade represente as diferentes etnias de forma igualitária, garantindo os mesmos espaços para brancos e negros na mídia. Desse modo, é frequente observar a ausência de personagens da raça negra em determinados espaços midiáticos, assim como sua imagem vinculada à criminalidade, a trabalhos subalternos e outras representações que subjagam seus representados. (SANTOS *et al.*, 2015, p. 8)

Segundo Santos *et al.* (2015) existe uma preocupação por parte do CONAR (Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária) em exigir respeito a todas as raças em suas produções, porém não existe nada que regulamente a equidade, garantindo os mesmos espaços à negros e brancos. Essa seria uma medida importante na luta contra o racismo no país, pontuar a discrepância no que se refere à representação racial na mídia é uma forma de levantar o debate acerca do tema e desnaturalizar essas disparidades. É emergencial o debate e publicações sobre racismo na infância, pois através deles é possível maior reflexão e conscientização da sociedade dessa temática tão ampla e que gera grandes impactos.

Nota-se que é possível perceber um pequeno percentual de negros, em relação aos brancos, na mídia no Brasil, sobretudo no tocante à programação das redes de televisão e nas propagandas veiculadas de todas as formas. Esta incidência é bastante desproporcional, tendo em vista que esse segmento populacional representa metade da população brasileira (CHAVES, 2008, p.17 *apud* SANTOS *et al.* 2015, p. 10).

Conclusão

Vimos no decorrer desse trabalho que a população de crianças e jovens negros são os que mais sofrem violência, foi possível constatar também as desigualdades raciais existentes na educação, onde indivíduos negros têm menos anos de estudo que pessoas brancas, sendo o índice de negros não alfabetizados 12% maior do que o de pessoas brancas, quase 50% da população negra de 10 a 14 anos já encontram-se no mercado de trabalho, com relação a crianças brancas, 15% estão na mesma situação. O ambiente familiar e escolar se mostraram importantes ambientes para construção da identidade da criança negra, além da representatividade na mídia. A fala de Taofick Okoya explicita aspectos importantes como autoaceitação e identificação com a raça, concluímos que a representatividade é fundamental para a construção da identificação da criança com a imagem que se quer construir sobre si.

O número de estudos que abordam o tema de impactos psicológicos do racismo na infância são escassos. Do mês de março de 2017 ao mês de novembro de 2017 nas bases de dados Scielo e Pepsic não tiveram mais pesquisas explorando esse tema. Fato que demonstra a relevância de mais pesquisas nessa área. Considerando as escassas produções sobre o racismo na infância e seus impactos, tendo em vista os casos críticos como o noticiado de que crianças negras desejam ser brancas, fica evidente a necessidade de mais pesquisas sobre o tema.

Referências

CAMARGO, C. L. de; ALVES, E. S.; QUIRINO, M. D. **Violência contra crianças e adolescentes negros: uma abordagem histórica.** Texto contexto - enfermagem. 2005, vol.14, n.4, pp. 608-615.

Costa, M. D. Estereótipo. (2017) In: COSTA, Michel Dias. *Em construção.* Faixa 1.

Cruz, D.F. da C. (2016). Algumas notas sobre bonecas para mulheres "negras" em Maputo. *Rev. Estud. Fem.* Vol.24, n.3, pp.929-940.

Ferreira, R. F; Camargo, A. (2011). As relações cotidianas e a construção da identidade negra. *Psicologia Ciência e profissão*, Brasília/DF, vol. 31, n.2, p.374-389.

Ferreira, R. F. (2002). O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 69-86.

Fonseca, P. (2015) Efeitos psíquicos do racismo. *GTRacismo*, edição n° 37. Recife, p. 06-07.

Heldt, R. C.; Schmidt, S. (2011). *Infância e consumo, estudos no campo da comunicação*. 2010. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Infancia-e-consumo-Estudos-no-campo-da-comunicacao-2.pdf>>. Acesso em: 20 de Jul. de 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. (2000) – *PNAD 1996*.

Oliveira, F. (2000). *Saúde da População Negra*. OPAS. Brasília.

PINTO, M. C. C.; FERREIRA, R. F.. Relações Raciais no Brasil e a Construção da Identidade da Pessoa Negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 9, p. 257-266, 2014.

SANTOS, E. A. de S; SOUZA, T. A. S; SANTOS, A. R. R. dos; MALTA, R. B. A representação de crianças negras nos comerciais da “oi”: reflexos de um racismo velado. *Revista Cambiassu*, São Luís, v.15, n.17, julho/dezembro, 2015.

SOUZA, S., LOPES, T. M., & SANTOS, F. G. S. (2007). Infância negra: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. Em Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (Org.), *Anais da III Jornada Internacional de Políticas Públicas Questão Social e Desenvolvimento no século XXI*. São Luís, MA. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoD/76b6e5093718cec24873SEPHORA%20SOUZA_TARC%C3%8DIA%20LOPES_FABIANNE%20SANTOS.pdf> Acesso em: 02 de Nov. 2017.